

### **A traição da traição: felonias e legitimidade no reino de Astúrias e Leon.**

Carlos Roberto F. Nogueira – USP

O conceito de felonias é inerente ao sistema feudal. Instrumento jurídico fundamental que conota a maior das transgressões, é absolutamente necessário para a manutenção das tensas e turbulentas relações feudo-vassálicas. Em sua definição estão presentes os mecanismos de controle unidos ao plano do sagrado através de fórmulas e ritos que a transformam num crime não só contra o senhor legítimo, mas em uma afronta direta à ordem divina.

No entanto, na Península Ibérica, encontra uma justificativa para o seu exercício. Justificativa real ou idealizada que transforma o felão em um campeão da justiça ao responder com a traição à uma falta mais grave: a felonias do suserano.

De Afonso Henriques a Rodrigo de Vivar, o Cid, está presente na própria origem do reino castelhano, com o conde Fernán González e os mecanismos de sua legitimação constituem o objeto desta reflexão.

A Traição preside à própria construção do mito da legitimidade visigótica, que origina os direitos sobre a Península reclamados por leoneses e depois por castelhanos.

A invasão muçulmana a partir da **Crónica Albeldense**<sup>1</sup> é o resultado de um encadeamento de traições, que começam no plano do sagrado, com a traição à Deus e deságuam inevitavelmente, no plano político com a traição entre senhores e vassalos.

Na crônica de Afonso III, o sucessor de Egica, Witiza, se comporta de maneira infame e escandalosa. Toma grande número de concubinas e para evitar a censura eclesiástica dissolve concílios, anula cânones e ordena aos bispos, aos presbíteros e aos diáconos que tomem mulher, para evitar represálias eclesiásticas.<sup>2</sup> “Esta foi a causa da perda de Espanha<sup>3</sup>”; diz a versão Rotense. Mas as duas versões insistem pouco mais

adiante: “***Et quia regis et sacerdotes legem Domini deliquerunt omnia agmina Gothorum Sarracenorum gladio perierunt***”<sup>4</sup>

E se a Crônica Albeldense insinua uma traição, aqui esta se personaliza e se torna plausível. Os Filhos do pecado, os filhos de Witiza, preteridos em sua sucessão, enviam mensageiros à África, chamando os sarracenos e introduzindo-os na Península<sup>5</sup>. Aqui, sagrado e profano se encontram para justificar a ruína dos Godos, o abandono de Deus, amplamente justificado pela corrupção dos seus ministros e a quebra da solidariedade grupal por intermédio do sangue do rei infame: a traição dos herdeiros de Witiza.

Por outro lado, para os leigos menos versados nos desígnios divinos, a traição **faz** sentido. Constitui crime imperdoável, nesta cultura de guerra e agressão,<sup>6</sup> que necessitava para sua sobrevivência, da manutenção de sólidos laços de coesão grupais, no interior das famílias e das tribos, regidos por uma intrincada rede de ritos e interditos destinados a manter a unidade. Não é por acaso, como lembra Marc Bloch, que a guarda real dos francos, era designada por um termo que significava fé: **truste**<sup>7</sup>. A fidelidade é a chave da possível estabilidade desta cultura que se apoia no saque e no butim. Assim, aderir ao estrangeiro – e quanto não seriam estrangeiros os muçulmanos? – implica em violar coesão do bando e o expor à desintegração pela quebra imanente da solidariedade.

A Crônica Silense ou **Historia Seminensis** (c.1118) que é atribuída a um monge leonês, pretende dar continuidade e “melhorar” a historiografia anteriormente citada. A Espanha cristã já não é mais a mesma. Ocupa agora uma grande extensão territorial, sobretudo após a conquista de Toledo.

Quanto à “perda de Espanha” retoma a culpa de Witiza, acrescentando um “libelo acusatório” detalhado e “objetivo” de seus pecados, acusando-o de “entregar-se à lascívia e à voluptuosidade da carne”, “desprezar a religião e os bispos”, “dissolver os concílios”, “selar os santos cânones”, de tal maneira que “todo o que era sóbrio era desprezado e todo o honesto era tido como engano<sup>8</sup>” contaminando assim, a todos os godos e os induzindo a inclinarem-se para o mesmo vício, clérigos e leigos.

A partir daí, a novidade: o sucessor de Witiza, Rodrigo, eleito pelos nobres godos, incorre nos mesmos erros. Talvez questão de coerência, uma vez que afirma que a infâmia do antigo rei atingira todo o reino, em decorrência, **todos os godos** foram corrompidos pela prevaricação de seu antecessor. Incorporando a inovação da *Chronica Gothorum*, por seu intermédio ou por intermédio das crônicas árabes, coloca como motivo imediato da invasão, a vingança do conde Julián, que mancomunado aos filhos de Witiza expulsos por Rodrigo, guia Tarik na invasão da Península. O sedutor lascivo deixa de ser Witiza, passando a ser o próprio Rodrigo, que é redimido pelo heroísmo demonstrado em combate.

Traição a Deus, traição ao suserano ou traição aos godos? O cronista concluiu pela primeira: a maior responsabilidade da prole de Witiza e do pai ultrajado Julián, como traidores da Igreja e portanto de Deus, e termina por fazer o rei mouro decapitá-los como traidores que eram, após a derrota de Covadonga.<sup>9</sup>

Assim a idéia da **felonia** está incorporada no imaginário ibérico. Mas é na figura do fundador do reino castelhano Fernán González, que talvez possamos encontrar o paradigma do vassalo fiel que é obrigado trair, em virtude dos desmandos do seu legítimo suserano que, ao descumprir as obrigações da reciprocidade, desmantela a ordem legítima, a ordem em última instância divina, e obriga ao vassalo à rebeldia para restaurar a legitimidade.

A primeira menção ao conde rebelde está todavia longe da glória que o Poema constrói: a Crônica Najerense de 1160, mais de dois séculos depois da existência do conde, menciona a rebeldia: “Fernán González e Diego Muñoz, levantaram-se em rebeldia contra o rei Don Ramiro e ademais lhe preparam um guerra”<sup>10</sup>

Capturado, Fernán González, presta juramento ao monarca leonês e entrega sua filha Urraca em casamento a Ordoño (o futuro Ordoño III), filho de Ramiro.<sup>11</sup>

A crônica mais adiante insiste que, morto Ramiro e coroado Ordoño, o conde castelhano se alia a Sancho, segundo filho do falecido monarca, mais García, rei dos pamplonenses e marcham com seus exércitos na tentativa de expulsar a Ordoño e confirmar a Sancho no reino de León.

Mais um ato de rebeldia, e mais uma reconciliação: “Por sua parte, o mencionado Fernán, que era seu sogro, querendo ou não, com muito medo, pôs-se a seu serviço”.<sup>12</sup>

Estamos frente à figura de um conde poderoso, cujas terras fronteiriças com al-Andaluz, lhe conferem a possibilidade de aumentar seu poder e riqueza continuamente pelas *cabalgadas* e saques aos muçulmanos, gozando por consequência de um prestígio e de uma autonomia que lhe permite jogar um papel decisivo nas contendas entre os monarcas príncipes ibéricos.

Um século depois a construção, produzida no mundo ibérico sob a hegemonia do reino castelhano, muda radicalmente nossa personagem no **“Poema de Fernán González”**. Obra épica e destinada ao público laico, é contemporânea das crônicas do século XIII (1250 - 1252)<sup>13</sup>. Destinado a enaltecer a bravura e o espírito independentista de Castela, mesmo na versão do clérigo, ressalta os atos que recusam a soberania leonesa:

*“El conde don Fernando com muy poca compañía  
- en contar lo que fizo semejaría fazaña -  
mantuvo sienpre guerra com los reys d’España  
non dava mas por ellos que por una castaña”*.<sup>14</sup>

Inserido na perspectiva do **legitimismo visigótico** o poema identifica o conde aos godos:

*“Rescebieron los godos el agua del bautismo,  
fueron luz e estrella de todo el cristianismo,  
alçaron cristandad, baxaron paganismo:  
el cond Ferran Gonçalez fizo aquesto mismo”*.<sup>15</sup>

Castela, à continuação é identificada com o reino de Astúrias logo após a batalha de Covadonga, e a descrição da fome, da ameaça muçulmana constante é propositadamente contraposta à tenacidade e à valentia dos homens de *Castilla, la vieja..:*

*“Era Castiella Vieja um puerto bien cerrado  
(...)tovieran castellanos el puerto bien guardado,*

*(...)Fincaron las Asturias un pequeño lugar...<sup>16</sup>*

O elogio ao reino se estende, estrofe após estrofe até culminar com:

*“Pero de toda Spaña Castiella es mejor*

*por que fue de los otros el comienzo mayor”, rematando à estrofe seguinte;*

*“Aun Castiella Vieja, al mi entendimiento,*

*mejor es que lo al, por que fue el çimiento...<sup>17</sup>*

Por fim nesta perspectiva de estabelecer um destino manifesto desde a fundação da Espanha cristã e após afirmar o direito adquirido ao território, pelas conquistas empreendidas, o poema passa a tratar do fundador, pela construção de seu sangue, que origina uma linhagem incomparável. Fernán ou Fernando nestas estrofes é filho de uma linhagem que gerou Alfonso VI e Rodrigo Ruiz, el Cid Campeador. Legitimação *a posteriori* que exalta a excelência do sangue do conde castelhano, que se destaca em uma terra que apesar de pobre possui os melhores homens de toda Espanha:

*“Era toda Castiella solo una alcadia,*

*maguer que era pobre e de poca valia,*

*nunca de buenos omnes fue Castiella vacía”.*

*Ou : “ ...quando perdió la tierra el buen rey don Rodrigo:*

*No fincó en España quien valiesse un figo,*

*si non Castiella Vieja un lugar muy antigo”.<sup>18</sup>*

Melhor entre os melhores , alcunhado o “abutre carniceiro” dos mouros o primeiro conde castelhano, tem sua infância marcada pela bondade de caráter, pela indignação com as correrias dos mouros, que devastavam e oprimiam o já pobre povo de sua terra, e pela piedade.

Encomendando-se a Cristo, assume o controle da região, pedindo a ajuda de Deus:

*“Senhor, tu me ayuda, - que so muy pecador –*

*que yo saque Castiella del antigo dolor”.<sup>19</sup>*

A revelação de seu fado glorioso, se inicia com a tomada de *Caraço* aos mouros, o que provoca a ira da maior ameaça muçulmana, o vizir Almançor :“*mayor poder non ovo ningun omne nascido*”<sup>20</sup> e se desvela totalmente com o encontro de um eremita de nome *Pelayo* (sic!), que lhe vaticina:

*“faras grandes batallas en la gent descreida,  
muchas seran las gentes a quien toldras la vida,  
cobraras de la tierra una buena partida,  
la sangre de los reyes por tisera vertida”*.<sup>21</sup>

A profecia se cumpre: trezentos castelhanos vencem as “sete legiões” de Almançor, como David venceu Golias, diz o texto.

A partir de então, o poema começa a mostrar as razões de seu descumprimento da lealdade devida ao seu rei.

Almançor volta à carga com mais de cento e trinta mil cavaleiros. Então ocorre a traição dos reis cristãos, como explicita em sua prece, Fernán González:

*“Los reyes de España com derecho pavor,  
olvidaron a ti, que eres su Señor,  
tornaron se vasallos del rey Almoçor  
(...) Yo quando vi que ellos fueron en tal error,  
e por miedo de muerte fizieron lo peor,  
nunca de su compañía despues ove sabor:  
por fer a ti servicio non quis mas su amor”*.<sup>22</sup>

A felonía se esclarece e se justifica, como nas crônicas sobre o destino do último dos reis godos: para ser fiel a Deus, havia que descumprir sua fidelidade para com os príncipes deste mundo! Sonhos com anjos e aparição de Santiago e um exército maravilhoso, para reforçar o exército castelhano, confirmam a justeza da escolha. Em primeiro lugar a fidelidade a Cristo.

Junto a isto se revela o verdadeiro caráter do rei de León, que cobiçando um azor e um cavalo que eram de Almançor, rejeita como presentes do magnânimo conde e promete comprá-los por mil marcos, a serem pagos posteriormente.

Aqui se intromete o **negócio**, (com todo o seu imaginário pejorativo), a mentira, a traição e vergonha das vergonhas além de falsear suas promessas, o rei de León se mostra um negociante desonesto!

Colocado a ferros por mando da rainha o conde escapa com o auxílio de sua futura esposa e deixa de comparecer às cortes de León, descumprindo suas obrigações de *auxilium et consilium*.

Para sabermos o final da história do conde, que falta ao poema, temos de nos valer da *Primera Crónica General de España*, que utilizou-se da versão integral daquele texto, para contar a história de Fernán González.

Atraído pelo rei, é de novo encarcerado e resgatado por uma nova intervenção da condessa e enfurecido contra seu senhor, passa a saquear com seus homens, as terras leonesas, por não ter recebido o pagamento aprazado.. e em troca da dívida impossível agora de ser paga o rei concede autonomia ao condado de Castela:

“*El rey (...) quando uio que estaua por y tan mal parado el pleyto, et que nunca podrie pagar ell auer – tan grand era – fablose com sus uasallos, et acordaron quel diesse el condado por aquell auer(...) tan buenos omnes et fuertes eran los castellanos et tan catadores de derecho. (...) Et el conde fallo que mercaua muy bien (...) por que non aurie de besar mano a omne del mundo si non fuesse al Senyor de la Ley: et es ell apostoligo*”<sup>23</sup>

Assim, se explica por que “*salieron los castellanos de premia et de seruidumbre et del poder de Leon et de sus leoneses*”.<sup>24</sup>

Vassalo fiel ao seu suserano, mas fundamentalmente fiel ao seu Deus, Fernán González, explicita o guerreiro perfeito, capaz de compreender a sua fragilidade humana e buscar na religião os recursos necessários para vencer inimigos impossíveis de serem vencidos com os poucos recursos de seu condado.

Sua figura aparece como o defensor, o restaurador da ordem e do cristianismo na península Ibérica, o que o leva a combater mouros e cristãos. Aos primeiros como uma obrigação de resgate de uma Espanha perdida, aos segundos, para evitar a traição, a desunião, que enfraqueceriam a já **predestinada** derrota do Islão.

Enfim, o público do poema, como os ouvintes do antigo *Cantar* eram guerreiros conscientes de sua superioridade, que enxergavam o mundo a partir do binômio: guerras - vitórias. Castela havia vencido e o que se queria ouvir eram os feitos heróicos de seu fundador e de seus companheiros (possivelmente seus antepassados) num exercício recorrente de engrandecimento de si mesmos.

No poema, a questão é ressaltar a legitimidade da hegemonia castelhana pela absoluta legitimidade de seu fundador. Por este motivo é que o “Poema de Fernán González” remete aos visigodos e a perda da Espanha encadeando os sucessos que desgraçaram o reino cristão, com o surgimento de Castela e a justíssima legitimação da traição de seu Conde.

---

<sup>1</sup> “CHRONIQUE d’ÁLBELDA”, 35., *in* BONNAZ, Yves (ed.) **CHRONIQUES ASTURIENNES (Fin Ixe. Siècle)**. Paris, Éditions du CNRS, 1987.

<sup>2</sup> “CHRONIQUE D’ALPHONSE III”, versão Erudita, 4., *in* BONNAZ, Y. **Op.cit.**, p. 35-36.

<sup>3</sup> “CHRONIQUE D’ALPHONSE III”, versão Rotense, 4., *in* BONNAZ, Y. **Op.cit.**, p. 35.

<sup>4</sup> “CHRONIQUE D’ALPHONSE III”, versão Erudita e Rotense, 4., *in* BONNAZ, Y. **Op.cit.**, p. 36

<sup>5</sup> “CHRONIQUE D’ALPHONSE III”, versão Erudita, 5., *in* BONNAZ, Y. **Op.cit.**, p. 37.

<sup>6</sup> DUBY, G. **Guerreiros e camponeses**. Lisboa, Editorial Estampa, 1978, p. 61.

<sup>7</sup> BLOCH, M. **A Sociedade Feudal**. Lisboa, Edições 70, 1982, p. 180.

<sup>8</sup> CHRONICON MONACHI SILENSIS” *in* HUICI, A. **Las crónicas Latinas de la Reconquista**, II. Valencia, Hijos de F. Vives Nora, 1913, p. 33.

<sup>9</sup> **Ibidem**, p. 35 - 37.

<sup>10</sup> ESTÉVEZ SOLA, J. (ed.) **Crónica Najerense**. Madrid, 2003, p.141

<sup>11</sup> **Idem**.

<sup>12</sup> **Ibidem**, p. 143.

<sup>13</sup> MENÉNDEZ PIDAL, R. (ed.) “Poema de Fernán González” *in* **RELÍQUIAS de la POESIA ÉPICA ESPAÑOLA**. Madrid, 1951, pp. 34-180.

<sup>14</sup> VICTORIO, Juan (ed.). **Poema de Fernán González**. Madrid, Cátedra, 1990, p. 83.

<sup>15</sup> MENÉNDEZ PIDAL, R. (ed.). p. 37.

<sup>16</sup> **Ibidem**, pp. 45. Ver também pp. 45-7.

<sup>17</sup> **Ibid.**, p. 54.

<sup>18</sup> **Ibid.**, p. 57.

<sup>19</sup> **Ibid.**, p. 58 e 65, respectivamente.

<sup>20</sup> **Ibid.**, p. 60.

<sup>21</sup> **Ibid.**, p. 68.

<sup>22</sup> **Ibid.**, p. 94

<sup>23</sup> MENÉNDEZ PIDAL, R. (ed.) “Primera Crónica General de España” *in* **Fuentes Cronísticas de la Historia de España**, Madrid, 1997, p. 422.

<sup>24</sup> **Ibidem**.